

A SOLIDÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO: UM OLHAR CLÍNICO

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Luterana do Brasil, como
requisito parcial para a obtenção do grau de psicólogo.**

Por

Kátia D`Armas Ferraz

Orientadora: Prof^a. Dra. Rita Petrarca

Universidade Luterana do Brasil – ULBRA

Gravataí

Junho, 2006

A SOLIDÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO: UM OLHAR CLÍNICO

Kátia D`Armas Ferraz

Trabalho apresentado para apreciação e parecer da Comissão Examinadora

Prof.^ª. Dr. Rita Petrarca

Prof.^ª. Dra. Janaína Pacheco, Coordenadora TCC

Kátia D`Armas Ferraz
Acadêmica Matrícula 001102765-7

A SOLIDÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO: UM OLHAR CLÍNICO

Kátia D'Armas Ferraz¹

Rita Petrarca²

RESUMO

No decorrer da história foram atribuídos diferentes significados à palavra solidão, sendo esta explicada por diversas áreas do conhecimento e teorias. Mas na atualidade, qual o sentido e como é vivenciada a solidão pelo sujeito contemporâneo? Com intuito de investigar como a solidão se apresenta na clínica psicoterápica, realizou-se um estudo qualitativo a partir do depoimento de seis psicanalistas e/ou psicoterapeutas de orientação psicanalítica. Os resultados obtidos através da Técnica de Análise de Conteúdo, apontam que a solidão está diretamente vinculada, além dos aspectos culturais da contemporaneidade, com a relação dos sujeitos com seus objetos internos, sendo, portanto, inerente à condição humana. Na clínica, não se revela de forma explícita e sim, encoberta por sintomas ou através de manifestações de comportamentos no âmbito social. No artigo, são abordados aspectos históricos da solidão, sua relação com a contemporaneidade e suas manifestações na clínica.

Palavras-chave: *Solidão, sujeito contemporâneo, clínica psicoterápica*

ABSTRACT

In the course of history different meanings were given to the word loneliness, being explained by several fields of knowledge and theories. But nowadays what is the real sense, and how the contemporary person live through loneliness? With the purpose of researching the presentation of loneliness in psychotherapy, a qualitative study was made from the ideas, opinions and statements of six psychoanalyst and/or psychotherapists of psychoanalyst orientation. The results obtained trough the technique of Content Analysis, point that loneliness is directly linked, apart from cultural aspects of contemporary nature, to all individuals and its internal objects, being, therefore, inherent to human condition. In clinics loneliness doesn't reveal itself in an explicit way, but concealed by symptoms or trough behavior manifestations on the society. Historical aspects of loneliness, relations with the contemporary nature and clinical manifestations are broach in this article.

Key-words: Loneliness, contemporary person, clinical psychotherapy.

¹ Acadêmica do 10º semestre do Curso de Psicologia da ULBRA Gravataí.

² Psicóloga. Doutora em Psicologia pela PUCRS. Docente do Curso de Psicologia da ULBRA – Gravataí.

INTRODUÇÃO

É o tempo. Sempre urgente e implacável. Tempo que escraviza através das suas mais diversas exigências, e, ao mesmo tempo impõe o questionamento dos valores e da ética - frente a um mundo globalizado e sem fronteiras. Na contemporaneidade, a estetização do corpo passou a ser lei, pois dá ao indivíduo o sentimento de reconhecimento e pertença ao grupo, garantindo-lhe a sensação de um permanente estado de felicidade. As relações, após o surgimento da rede mundial de computadores (Internet), passaram a ser, também virtuais. Entretanto, de forma contraditória, a sociedade do final do século XX vive um paradoxo entre a globalização e o individualismo. É justamente neste espaço que a solidão se impõe.

Do latim *solitudo*, solidão é o estado de quem está só. Ausência de relações sociais; isolamento. Lugar despovoado e não freqüentado pelas pessoas; ermo. (Dicionário Larousse Cultural, 1992).

Na clínica, na música, na escultura, declamada em prosa e verso, projetada na tela do cinema, a solidão está presente nas mais diversas formas de expressão. Mais do que um estado ou um sentimento, a solidão está inscrita na história do homem³.

Na atualidade o homem vivencia a solidão de maneira complexa. Segundo Sennett (em Tanis, 2003 p.29): “Existe a solidão que transcende os termos do poder, baseada na idéia de que há diferença entre estar só e sentir-se só. Esta solidão é expressa na sensação de estar só entre muita gente...”

A solidão assume um caráter polissêmico. Pode ser uma força necessária que possibilita a criação artística, também razão de sofrimento pelo seu caráter excludente. Para alguns teóricos, é imprescindível vivenciá-la, principalmente para que haja o reconhecimento do outro.

A clínica psicoterápica, enquanto espaço de escuta, é um dos lugares em que as múltiplas modalidades da solidão podem ser verbalizadas e trabalhadas abertamente, através da relação paciente-terapeuta. Gellner (em Storr, 1996, p.18) diz “que a psicanálise tem exercido influência tão ampla que se tornou à língua dominante para a discussão da personalidade humana e dos relacionamentos pessoais utilizada, inclusive pelos que não concordam com todas as suas doutrinas.”

É importante destacar que as pesquisas abordando a solidão são relativamente escassas, datando dos anos oitenta, o que sugere novos trabalhos. Almeida (1997) traz uma revisão clara e completa sobre o tema, afirmando que o assunto passou a despertar interesse, no Brasil, somente a partir de 1984, com os artigos sobre solidão relacionados à abordagem experimental. Nesses artigos, a solidão é apontada como uma variável interveniente caracterizada pelo aspecto negativo.

Ainda de acordo com Almeida (1997), as primeiras pesquisas foram realizadas por Pinheiro & Tamayo em 1984, sendo o primeiro artigo publicado: “Escala Ucla da Solidão⁴: adaptação e validação”. Esta Escala é utilizada nos Estados Unidos para medir os escores de solidão relacionando com outros aspectos. Almeida coloca que, no referente artigo, os autores pontuam a deficiência de pesquisas sobre o tema, da mesma forma que, fazem uma crítica à

³ A expressão homem será utilizada nesse estudo como sinônimo de ser humano. Mesmo podendo ser considerada uma linguagem sexista, optou-se por esta terminologia em função da tradição filosófica.

⁴ A Escala Ucla de solidão é uma escala do tipo Likert, composta de 20 itens curtos, com um contínuo de respostas de quatro pontos, sendo o escore resultante da soma simples dos valores obtidos em cada item, processada a reversão dos escores dos itens de direção posta. Para validação no Brasil a seleção dos itens foi feita a partir de sua correlação com um índice de solidão. A validação da escala foi estabelecida pelo exame da relação entre os escores de solidão e: a) medidas de estados emocionais, ansiedade e depressão obtidas através do Beck Depression Inventory e das Castello-Comrey Anxiety and Depression Scales; b) escores obtidos pelos sujeitos, a partir de auto-classificação num conjunto de 25 emoções, entre as quais constavam emoções consideradas conceitualmente ligadas a solidão e outras consideradas não relacionadas. (Pinheiro & Tamayo, in Almeida 1997 p. 44).

falta de unanimidade em relação ao conceito de solidão. Em pesquisas mais recentes como a de Neto (1999), a solidão é analisada como causa de mal-estar no mundo contemporâneo.

Os significados da solidão ao longo da História

Os significados da solidão são modificados ao longo da história, e estão ligadas a mudanças subjetivas de cada época. Contudo, a solidão é inerente ao ser humano, desde seus primórdios. A história costuma lhe conceder diferentes sentidos que ora assumem, caráter positivo, ora, negativo, variando de acordo com os valores culturais, subjetivos de cada tempo.

Para Almeida (2003), o termo solidão surgiu através da definição feita por Michel Hannoun, quando, em pesquisa, chega à conclusão de que a palavra “só” surgiu bem antes de solidão no século XI, no ano de 1080, sendo, portanto, ancestral de solidão. Almeida coloca que a solidão passa a ser associada a isolamento, reclusão e exclusão. Já a definição filosófica para definir a solidão, parte da idéia de que:

Não é isolamento, mas busca de formas diferentes e superiores de comunicação, não dispensa os laços com o ambiente e a vida cotidiana a não ser em vista de outros, com homens, com o passado e com o futuro com os quais seja possível uma forma nova ou mais fecunda de comunicação. O fato de a solidão dispensar esses laços é, pois, uma tentativa de libertar-se deles e ficar disponível para outras relações sociais. (Abbagnano, 2000, p. 918).

Na Idade Antiga, a solidão era associada a determinações espaciais, como lugares distantes da cidade: ilhas, desertos, mares e lugares perdidos. Conforme Tanis (2003), os crimes eram punidos pelo exílio e os homens eram isolados de seu meio, sendo privados do convívio com suas famílias como forma de castigo.

O mesmo não ocorria com os Hebreus que viviam a experiência da solidão como algo positivo, não a percebendo como trágica, pois como o sentido da solidão é o deserto, a

comunicação direta com Deus é alcançada. Hannoun (em Almeida 2003) relata que por volta do ano de 1213 o significado atribuído à solidão remetia a um lugar deserto, desabitado; lugar próprio para meditação, idéia que corrobora com as informações de Tanis (2003).

Na Idade Moderna, a solidão era confundida com a loucura, por remeter o sujeito ao isolamento à exclusão do meio social. Da mesma forma como os “loucos” assim eram considerados os solitários. Era necessário tratá-los, socializá-los. Outro fato marcante deste período da história, conforme Katz (1996) advém do mecanicismo; os grandes pensadores do séc XVIII pensavam um mundo homogêneo, excluindo, desta forma, os isolados e os diferentes e, junto com eles, a solidão.

Outros movimentos como o Liberalismo e o Renascimento também estão presentes na construção da subjetividade moderna. É a partir do Renascimento que surge a idéia de indivíduo; o “eu” se sobrepõe ao “nós”. Como refere Tanis (2003, p.40) “intimidade e discurso sobre si mesmo, constituem um processo que adquire força expressiva e se estrutura a partir do Renascimento.” Porém, é no Liberalismo dos séculos XVII e XVIII que o homem adquire o direito de escolha e há um delineamento claro entre as fronteiras do público e do privado. O mesmo acontece com a concepção de democracia. É necessário tornar seus participantes iguais, para que possam votar e ter as mesmas oportunidades. Mais uma vez, as singularidades não são aceitas, e logo a solidão passa a ser vista como um processo negativo.

Conforme Tanis (2003), não se pode imaginar a solidão (ou solidões), que se apresenta na Modernidade sem fazer referencia à noção de indivíduo, pois ela se constitui a partir das transformações destes. O que se evidencia é que o sujeito não está mais vinculado à comunidade, como antes esteve, nas sociedades tradicionais, hoje, esse sujeito é unidade isolada vinculada aos outros por sistemas contratuais. As solidões modernas serão conseqüências do individualismo, como também forma de combate ao desamparo imposto pela nova ontologia social.

Solidão, Capitalismo e Sujeito Contemporâneo

Para melhor compreender o sujeito contemporâneo, recorre-se a Lasch (1983). Para o autor, vivemos em um tempo cuja preocupação centra-se na sobrevivência, mais precisamente desde o início dos anos 60. Já Figueiredo (1996), coloca que a contemporaneidade é marcada pela desterritorialização do sujeito. O maciço investimento em si mesmo, um investimento concentrado e excludente, parece ser à condição indispensável à sobrevivência física e psíquica do sujeito em questão. Hoje, não basta mais uma casa fixa, singular, mas sim um casulo, sem solo, uma verdadeira morada que ele possa carregar nas costas como personagem do filme “O Turista Acidental”⁵.

Pensando este contexto, não há espaço para a manifestação da solidão. Os meios de comunicação de massa reforçam a idéia de que quem a sente e a vivencia, está fora do circuito da contemporaneidade, pois, bem-estar e felicidade podem ser “comprados”, por meio de soluções imediatas e mágicas.

Nesta trajetória que se propõe a entender o sujeito contemporâneo, deparamo-nos com o capitalismo e sua influência direta na vida das pessoas, transcendendo o conceito de modo de produção, e atrelando à solidão ao sentimento de insatisfação do homem, visto que considera o fato de não pertencer a um grupo, como impossibilidade de identificação com o outro, fruto da diferença.

Através dos meios de comunicação de massa, passa-nos a idéia da felicidade pela via da relação perfeita, idealizada. Os olhares dispensados aos indivíduos que, por opção ou contingência, vivem só, na grande maioria são “patologizantes” ou excludentes, por estarem estes sujeitos fora do grande circuito imposto pela mídia.

⁵ Figueiredo utiliza o exemplo do filme o Turista Acidental, pois ilustra e resume a figura do sobrevivente da seguinte forma: “em uma viagem, como na vida, carregue uma bagagem mínima e bem empacotada, evite problemas e estranhos, esqueça de sua não-pertinência aos lugares, esteja preparado para tudo – para um súbito funeral, por exemplo – mas não se deixe tocar por nada. Não se exponha a nenhuma perda”.

Como coloca Katz (1996, p.47), “sabe-se que no século XX há um ideal (e suas expectativas) bastante disseminado para se estar acompanhado. Um homem sem companhia é considerado merecedor de estranheza ou da comiseração dos outros.” Da mesma forma, pontua Chillemi (2003, p.21): “o amor romântico, uma das peças do capitalismo, utilizadas para produzir jeitos homogêneos de ser, articula e incrementa a idéia de que o amor é condição de felicidade.”

Como consequência desse processo, tem-se como modelo vigente o sujeito narcisista e individualista. Lima (2001) aponta a solidão como um sintoma cultural, ou seja, o conceito de solidão vinculado ao conceito de “eu” que, na Modernidade, conceitua o indivíduo como um ser autônomo. A raiz deste conceito está na sociedade individualista, na qual o indivíduo tem valor supremo.

Antes, os laços sociais formavam as subjetividades, papel hoje desempenhado pela experiência da intimidade e é justamente nesse espaço em que nasce o narcisismo como um modo de organização do indivíduo neste contexto.

Nesse sentido, a solidão busca vias de expressão, transformando-se em positiva como espaço necessário para criação; constitutiva, inerente ao ser humano, e sintoma cultural, remetendo-nos à idéia de solidão negativa, e, inevitavelmente causando sofrimento, quase como uma solidão “imposta”.

Solidão e Psicanálise

As pessoas que buscam tratamento psicoterapêutico⁶ o fazem pelos mais variados motivos, mas, segundo Zimmerman (2004), a maioria que procura tratamento o faz por queixas relativas a problemas de identidade ou transtornos às patologias do “falso self” e do vazio.

⁶ A psicoterapia referida nesse estudo é a de orientação psicanalítica, podendo ser definida como uma forma de psicoterapia que se apóia nos princípios teóricos e técnicos da psicanálise, sem todavia realizar as condições de um tratamento psicanalítico rigoroso. “As técnicas da psicanálise e as da psicoterapia analítica são

Contextualizar a solidão na clínica é transitar entre conceitos como separação, individualização, angústia, ausência, narcisismo, entre outros. Na psicanálise, o caráter polissêmico da solidão permanece, porém o que a maioria dos teóricos focam é a necessidade de se voltar para as primeiras relações objetais, ou seja, a capacidade do bebê em simbolizar e lidar com a ausência do outro.

Freud não dedicou em sua obra, nenhum texto exclusivo à solidão, porém, faz referência a ela em trabalhos que abordam as angústias infantis em relação ao silêncio e à escuridão. A ausência da pessoa amada é vista, por Freud (1972), como geradora dessas angústias, juntamente com o medo de estar só e o medo de estranhos.

Freud (1976) traz o desamparo como condição fundadora do ser humano, lugar em que a solidão adquire um novo significado. Em “Inibição, sintoma e angústia”, outros elementos se evidenciam para este entendimento:

A angústia aparece como uma reação à perda sentida do objeto e lembramo-nos de imediato do fato de que também a angústia de castração constitui o medo de sermos separados de um objeto altamente valioso, e de que a mais antiga angústia - a “angústia primeva” do nascimento, ocorre por ocasião de uma separação da mãe (Freud, XX, p.130).

Dolto (2001), fala da importância do que em psicanálise é chamada de “revalorização das pulsões passivas”, nada mais do que respeitar o desejo e o movimento da criança de recolher-se interiormente. Por isso hoje, as pulsões passivas são pouco conhecidas, porque os momentos precisam ser constantemente preenchidos e produtivos.

essencialmente idênticas, com algumas modificações quantitativas que criam, no correr do tempo, um ambiente diferente na psicoterapia analítica...” (Kenberg in Green 2003, p.28).

Seguindo a autora, “o espaço de um ser humano, desde o nascimento precisa ser povoado pela presença psíquica de outro ser, para o qual ele existe” (Dolto, 2001, p.433). Quando adulto, será a lembrança de momentos felizes proporcionadas pelas experiências interpessoais satisfatórias e verdadeiras, ou seja, a solidão povoada anteriormente, que lhe dará sustentação para os momentos de solidão na idade adulta. Portanto a solidão, conforme esta autora, faz parte da existência humana.

Outro entendimento sobre o tema em questão é o de Klein que escreve “Sobre o Sentimento de Solidão”:

Por sentimento de solidão não estou me referindo à situação objetiva de ser privado da companhia externa. Estou me referindo ao sentimento de solidão interior – o sentimento de estar sozinho independentemente das circunstâncias externas; de sentir-se só mesmo quando entre amigos ou recebendo amor (Klein,1971, p.133).

Seguindo a vertente, que compactua com a importância dos relacionamentos interpessoais gratificantes com outros seres humanos, desde o nascimento, encontramos Bowlby (1990). Esse teórico fundamenta seu trabalho sobre a importância do desenvolvimento de apegos seguros na infância como preditivo de relacionamentos saudáveis no futuro. Os teóricos da relação-objeto acreditam na capacidade do homem em buscar e manter relações. Assim, “desde o início da vida, os seres humanos buscam relacionamentos e não apenas a mera satisfação de instintos...” (Storr,1996, p. 24).

OBJETIVOS

Entendendo a solidão como questão que marca o sujeito contemporâneo, o presente artigo se propôs a investigar junto aos psicanalistas e/ou psicoterapeutas de orientação psicanalítica, as diferentes formas como a solidão se expressa na clínica, bem como os principais sentimentos suscitados por ela.

MÉTODO

O método de trabalho utilizado nesta pesquisa foi de cunho exploratório, com base numa pesquisa qualitativa, de acordo com seu problema e questões norteadoras.

Participaram desta pesquisa seis psicanalistas e/ou psicoterapeutas de orientação psicanalítica, de ambos os sexos, com idades variadas e com o mínimo de dez anos de experiência na clínica. Esses foram escolhidos a partir da indicação dos pares, seguindo critérios de conveniência e acessibilidade.

Para coleta de dados, foi realizada uma entrevista semi-estruturada (Apêndice A) com questões abertas. Os participantes foram contatados de forma direta em seus consultórios, na cidade de Porto Alegre. No primeiro momento foi feito um convite formal ao profissional e, após a aceitação por parte desse, a entrevista foi agendada no horário disponibilizado pelo entrevistado.

As entrevistas foram realizadas de forma individual e gravadas em fita cassete, sendo, posteriormente transcritas. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) concordando em participar desta pesquisa autorizando a gravação da mesma. O material transcrito foi submetido à análise de conteúdo proposta por Bardin (1988), a partir do agrupamento das unidades de significado em categorias temáticas.

Apresentação dos resultados

Tabela1- Sujeitos participantes da pesquisa

Sujeitos	Formação	Experiência Clínica
P1	Psicoterapeuta de Orientação Psicanalítica	20
P2	Psicanalista	45 anos
P3	Psicanalista	18 anos
P4	Psicoterapeuta de Orientação Psicanalítica	29 anos
P5	Psicanalista	20 anos
P6	Psicanalista	Acima de 20 anos

A análise de conteúdo permitiu dividir as entrevistas em cinco categorias e nove subcategorias abaixo citadas. Os entrevistados serão identificados por P (1, 2, 3, 4, 5 e 6) conforme a apresentação da tabela acima.

Categoria 1 - “Vozes da Solidão”. A presente categoria relata como a solidão se apresenta na clínica. Constitui-se de três subcategorias – comportamentos, sintomas e outras manifestações que não se encaixaram nas categorias anteriores.

1.1 – Manifestações no social – comportamentos - Esta subcategoria versa sobre os relatos dos entrevistados a respeito da solidão e suas manifestações no âmbito social através dos comportamentos dos sujeitos. Contou com dezessete verbalizações.

1.2- Defesas x estrutura psíquica – a presente subcategoria relata os aspectos do funcionamento psíquico dos sujeitos relacionando-os as defesas utilizadas, com maior frequência, por cada estrutura no que diz respeito à solidão. Contou com dezoito verbalizações.

1.3- Outras manifestações- esta subcategoria aponta as verbalizações dos entrevistados que não são pertinentes às demais categorias. Contou com dezesseis verbalizações.

Categoria 2- Solidão x objetos internos

Esta categoria está subdividida em – Introjeção, Vazio, abandono e falta de representação. Todas versam sobre a importância dos objetos internos para construção do mundo interno dos sujeitos, o que implica em sustentação para as demais relações futuras.

2.1 Introjeção -Esta subcategoria compreende as verbalizações dos entrevistados quanto a introjeção dos objetos de forma satisfatória. Contou com oito verbalizações.

2.2- Vazio, abandono e falta de representação- A presente subcategoria compreende, especificamente, as verbalizações dos entrevistados referentes à falta, ao abandono e ao vazio provocado por um mundo interno carente de objetos, citados na categoria anterior. Obteve vinte e quatro verbalizações.

Categoria 3- A Criatividade e sua ligação com a solidão - esta categoria se propõe a relatar, através das verbalizações abaixo, a relação entre aspectos criativos e solidão. Contou com oito verbalizações.

Categoria 4- Contemporaneidade x Solidão – A presente categoria aponta alguns aspectos do mundo contemporâneo que, de forma direta ou não, influenciam no aumento do sentimento de solidão. Divide-se em três subcategorias e procura destacar as peculiaridades de cada uma, embora entendendo as mesmas como interligadas.

4.1- Solidão e Centros Urbanos - Esta subcategoria versa sobre aspectos especificamente dos grandes centros urbanos e sua implicação com a solidão dos sujeitos. Cinco verbalizações a respeito foram apontadas na pesquisa.

4.2- Recursos do sujeito frente à solidão – a presente categoria apontou alguns recursos encontrados pelo sujeito contemporâneo para lidar com a sua solidão. Os mesmos podem ser eficazes ou reforçarem ainda mais tal sentimento. Contou com sete verbalizações.

4.3- Solidão inerente à condição humana ou relativa a contemporaneidade? Discorre sobre verbalizações e questionamentos dos entrevistados referentes à solidão. Será esta inerente à condição humana ou um produto da contemporaneidade? Dezesesseis verbalizações

4.4 Cultura do narcisismo como expressão do sujeito contemporâneo - esta subcategoria, relacionada aos aspectos da contemporaneidade, versa sobre a percepção dos entrevistados acerca da cultura do narcisismo, como expressão do sujeito contemporâneo. A mesma contou com quatro verbalizações.

Categoria 5- A psicanálise as possibilidades de lidar com solidão - esta categoria versa sobre os relatos dos entrevistados acerca das formas de abordar a solidão na clínica psicanalítica contemporânea. Obteve dezoito verbalizações.

Discussão dos Resultados

A presente pesquisa se propôs a investigar junto a psicoterapeutas e psicanalistas, as formas pelas quais a solidão se apresenta na clínica contemporânea. Apesar da hipótese inicial de que a solidão apareceria de forma explícita, os entrevistados apontaram que essa manifesta-se através de várias modalidades como, por exemplo: manifestações de comportamentos no meio social, defesas que revelam as particularidades do funcionamento psíquico dos sujeitos até as verbalizações de sentimentos difusos.

Pode-se perceber que durante as entrevistas, ao falarem da solidão de seus pacientes (escuta no setting), os entrevistados fizeram uma leitura, como uma espécie de entendimento da solidão a partir de seus pressupostos teóricos. Da mesma forma, o primeiro contato com a palavra solidão através da entrevista, fez com que os entrevistados solicitassem um esclarecimento sobre qual tipo de solidão a pesquisa se referia. Isso foi considerado um dado significativo, pois a postura dos mesmos refletiu, não somente a abrangência do tema, como também os vários sentidos atribuídos à palavra solidão.

Um aspecto fundamental da pesquisa, verbalizado por todos os entrevistados, foi a importância das primeiras relações objetivas para a construção de um mundo interno satisfatório, e no qual todas as demais situações estarão relacionadas, inclusive a solidão. Assim, os dados levantados na pesquisa confirmam que a solidão tem como pano de fundo as relações entre o Eu e o objeto, conforme relato de P4:

“Saber viver consigo próprio, isso é alta sofisticação. Estar bem acompanhada de bons objetos internos tu não precisa ta rodeada de outro (tb não precisa ser um eremita).”

A partir das entrevistas, buscou-se na leitura dos principais teóricos, o entendimento necessário para justificar os dados obtidos na pesquisa. Amenizar ou saber conviver com a solidão é, por certo, um desejo humano universal. Segundo os dados da pesquisa, um dos caminhos prováveis para que isto ocorra, vêm na esteira de uma integração consistente dos

objetos, em que o “bom objeto” internalizado permite o acesso à confiança e segurança necessários ao sujeito. Klein (1971) pontua que a solidão interna resulta do anseio onipresente de um estado interno perfeito inatingível. A relação satisfatória primitiva com a mãe fundamenta-se na experiência mais completa de compreensão ligado ao estágio pré-verbal. O que o ser humano busca na vida ulterior é um anseio insatisfeito por uma compreensão sem palavras. Aqui o sentimento de solidão se origina por uma perda irreparável.

Também Bion (em Mattos, 1995), pontuou a importância da relação objetal e desenvolveu alguns conceitos importantes como a capacidade de “rêverie” no qual a mãe transforma os elementos *Betha* em elementos *alpha*, elementos utilizados para o pensamento que devem ser transformados e devidamente devolvidos por ela. Portanto, o bebê recebe conforto psíquico e emocional quando se sente amado e compreendido. Como consequência, pode-se pensar em um adulto capaz de sustentar seu mundo interno, identificando e nomeando seus sentimentos de forma adequada, sem necessitar recorrer a artifícios externos para sentir-se seguro. Neste contexto, a solidão não se insere como algo negativo e inominável, como foi intensamente referido pelos entrevistados.

Entretanto, a partir do processo inverso, o que foi referido pelos entrevistados, quando da ausência da mãe, ou melhor, da ausência do seio materno, cria-se na imaginação do bebê, o “não-seio” ou “seio ausente”. A este caráter imaginário, Bion chamou de “a dolorosa presença da ausência”. Tem-se, assim a matriz inicial de um pensamento e os primórdios do aparelho de pensar. Portanto, para Bion o pensamento está ligado à falta, à frustração, como também, a capacidade que o bebê adquire para tolerar tais sentimentos, tal compreensão acerca da solidão pode ser vista na verbalização de P6:

“Vai ter a expressão do vazio através do não pensar (a gente vê assim, a recusa do pensamento), o pensar ele é um produto da dor psíquica. Eu só penso a partir do momento que eu não estou gratificado, se eu estiver com todas as minhas necessidades satisfeitas eu não seria um sujeito, eu apenas viveria.”

Se para Klein (1971), o bebê sempre busca a fusão total com a mãe, procurando em suas relações futuras esta sensação de completude, pode-se associar relatos de sensação de vazio interior, de buscas vorazes apontados na pesquisa, como relacionados a este estágio primitivo, a incapacidade de perceber-se como um ser distinto da mãe, conforme expressa P5:

“Quando há desligamento, quando há falta de representação, quando não há representabilidade, quando a gente ta entrando em contato com algum tipo de dor mental (que Bion pode chamar de elementos Beta, por exemplo), onde a expressão é uma ausência, uma falta, portanto se expressa nas interações como sozinho, como solidão”

Analisando as colocações feitas pelos entrevistados, podemos dizer que encontramos na literatura o que hoje é chamado de “Patologias do vazio”, ou como Zimmerman (2004) definiu: “A clínica do vazio”. Esse autor pontua a importância de Tustin para a psicanálise contemporânea. Tustin cunhou a expressão “buracos negros”- verdadeiras falhas no psiquismo infantil, ausência absoluta de emoções, ligadas ao estágio pré-verbal. Tais estados também são encontrados em adultos, principalmente nas patologias mais regressivas, a exemplo dos borderlines e das drogadições. Nesses casos, houve uma separação traumática do corpo da mãe, sem que o bebê ainda tivesse atingido a fase de “diferenciação”. A formação de tais “buracos” pode ser mais uma vez justificada pelas falhas na maternagem vindo a gerar sentimentos de vazio.

Seguindo a reflexão de Bion e relacionando-as aos demais autores, reafirma-se mais uma vez, a importância da relação estabelecida pela mãe e seu bebê. Essa ligação é primordial, principalmente no que compete à nomeação de sentimentos, angústias e sensações (ainda sentidas como fragmentadas pelo bebê). Porém as alternativas encontradas pelo sujeito, quando adulto, são da ordem externa. Assim, não se tem como descartar a importância do mundo externo, tratando-se da solidão. Infere-se que não há outra alternativa, pois o sujeito, sequer, identifica qual a ordem do seu sofrimento psíquico. Relata P1:

“Então, na clínica aparece muitas vezes isso. Ficando um vazio, é uma solidão, e essa solidão é uma consequência a certas desconexões (vamos chamar assim de áreas não mentalizáveis)...”

Também Winnicott (1983) busca, como os demais teóricos, nos primórdios do desenvolvimento infantil a explicação para tal capacidade. Segundo o autor, para que o sujeito adquira tal capacidade, é necessário ter “suportado” a exclusão da cena primária e, na seqüência, o complexo de Édipo. Pode-se definir a capacidade de estar só como um grande paradoxo: saber ficar só na presença do outro. Para Winnicott (1990), a maturidade se dá não somente pelo crescimento pessoal, mas também pela socialização.

Portanto, o entendimento dos entrevistados acerca da solidão está diretamente relacionado à formação de cada um deles, ou seja, a leitura psicanalítica sobre o ser humano. A breve leitura dos teóricos confirma os dados apontados na pesquisa. Pensar a solidão do sujeito contemporâneo remete, indiscutivelmente, segundo a psicanálise, à qualidade das primeiras relações objetais. A solidão é também inerente à condição humana, não surgida na contemporaneidade, ainda que reforçada por ela. A grande maioria dos entrevistados discutiu a solidão sobre este prisma, a exemplo de P4:

“Eu não sei se o fator externo explica, ou se é muito mais ligada a tuas relações objetais, o jeito como tu construístes a tua subjetividade, como tu interages com o outro”.

A solidão foi associada à ausência de olhar, uma carência de cuidados primários, que não deixa de estar relacionado com o que foi trazido até o presente momento. Esta falta de cuidado foi verbalizada como uma total desatenção por parte dos pais, cada vez mais voltados à vida profissional e pessoal. Estes dados confirmam as mudanças na configuração familiar, portanto à fatores externos. A falência da família tradicional como um ideal, faz com que a solidão se inscreva neste contexto, como confere Roudinesco (2003). A criança e o adolescente em questão são obrigados a desenvolver (por sobrevivência) uma falsa autonomia, resultando conseqüentemente numa solidão precoce, como foi expresso por P1:

“Tu vomita a noite inteira, ninguém te escutou? .. Não, minha mãe nem escuta, ela fecha a porta. É dessa solidão... isso vai dando um pressuposto de altivez de autonomia, de eu tomo conta de mim mesmo.”

Recorremos aqui a Dolto (2001) que explora a idéia de que a solidão se estrutura desde a infância, podendo ser enriquecedora, caso não seja sentida como uma forma de isolamento e vinculada ao sentimento de rejeição. Ainda em Dolto, entendemos como necessário que o espaço do ser humano, desde o nascimento, seja habitado pela presença psíquica do “outro”. Entretanto, para que isto ocorra, é preciso a diferenciação entre eu/outro (objeto), porém no tempo certo, não de forma precoce. O que leva a pensar que o sentimento de abandono é proveniente da ausência, da falta de representação psíquica. É pertinente voltar a Tustin in Zimmerman (2004) para inferirmos que tal precocidade foi causada pelas mesmas falhas na maternagem, fundando no psiquismo infantil os chamados buracos negros.

No relato de todos os entrevistados, esteve presente à idéia de que solidão remete à sentimentos difusos, passando por uma insatisfação genérica até à ausência de verbalizações possíveis de explicação. A solidão, muitas vezes, é atrelada à constante sensação de insatisfação do homem, como se seus desejos nunca fossem satisfeitos. Tais dados vão ao encontro das pesquisas realizadas por Pinheiro & Tamayo in Almeida (1997), que reforçam a idéia das várias dimensões associadas a palavras solidão: falta de significado e objetivos na vida; reação emocional; sentimento indesejável e desagradável; sentimento de isolamento.

Portanto, inferimos que tais sentimentos, cuja nomeação torna-se difícil, remetem à busca da sensação de completude e à necessidade de reconhecimento do outro. Relacionamos os mesmos também com o poder do capitalismo e que, embora os textos psicanalíticos não pontuem essa questão de forma clara, acaba inserindo-se dentro do psiquismo humano, causando a sensação de insaciabilidade. Tal idéia pode ser encontrada no relato de P4:

“Então o tipo de manifestação vai ser uma insatisfação meio genérica, meio vaga, e aí a gente pode olhar sobre o prisma de solidão, o que está acontecendo nessas relações - trabalho,

família, filhos, com a vida, consigo próprio que está insatisfatório; o que tem aí que está sem conexão, sem reconhecimento. ”

Como a pesquisa procurou enfatizar os aspectos da contemporaneidade e sua relação com a solidão, deixamos claro que este fato não descarta nosso entendimento a respeito da solidão ser inerente a condição humana, conforme realto de P1:

“A solidão é inerente a condição humana, então ela não tem a ver com uma atualidade, é exatamente um processo de poder tá só, de te constituir como um sujeito, capaz de reconhecer a dependência mas ser habilitado, capacitado enfim, a conviver com aquilo que te constitui.”

Entretanto, surgiram na pesquisa, aspectos relacionados à contemporaneidade que merecem atenção maior, pois, reforçam os dados encontrados na literatura referentes à solidão, como consequência do crescimento desenfreado dos grandes centros urbanos e a Cultura do Narcisismo, podendo ser visto no relato de P6:

“Então o sujeito contemporâneo habita uma grande cidade, onde ocorre um paradoxo fundamental – no meio da multidão, existe desamparo e isolamento.”

Para Lasch (1993), vivemos no tempo da sobrevivência caracterizado pelo sujeito afastado das questões públicas, com as ações individuais, o que produz um impacto sobre os acontecimentos do cotidiano. Nesse contexto, nasce a Cultura do Narcisismo, denominada por ele de: “O mínimo Eu”. P2 traz esta questão da seguinte forma:

“Vamos acrescentar também que nós vivemos a cultura do narcisismo, onde entra o tal do exitismo... Só tem valor quem tem êxito, as pessoas medianas se confundem com a massa, ficam no lugar de mediano que é uma coisa natural, podem ser considerados como medíocres.”

Na esteira desse individualismo, a Cultura do Narcisismo se impõe fortemente. De acordo com Zimmerman (2004), o sujeito, através do olhar psicanalítico, vive um conflito permanente entre o “Ego Ideal” x “Ideal de Ego”. Nesse contexto, o sujeito vale mais pelo que possui do que, pelo que é. A ânsia por um reconhecimento gera um aumento expressivo no número de pessoas portadoras de um “falso-self”. O falso self se instaura quando não

ocorre o reconhecimento por parte dos outros, gerando sentimentos de baixa auto-estima e depressão, conforme relato de P2:

“Quando a coisa provém mais de um sentimento interno um recurso muito freqüente, (não digo é o mais freqüente) é construir um falso self. Eu me sinto tão sozinho, eu tenho tanto medo de perder um restinho de um amigo ou de uma namorada, tenho tanto medo, que vou fazer tudo para agradar o outro.”

A partir daí, infere-se como feito anteriormente, que a solidão surge como um sentimento de isolamento, de não pertencer a um grupo que lhe reconheça como um sujeito capaz e bem sucedido. Este ideal é reforçado pelos meios de comunicação de massa que ditam que todas as coisas podem ser “compradas”, inclusive a felicidade, conforme P1:

“A solidão de uma cultura narcísica, daí sim tu pode pensar do consumo, a solidão de não poder nem contar com este objeto primeiro porque este objeto primeiro não te reconhece pelo seu narcisismo e pela sua pressa que tu criança cresça, e vá deixar mais tempo e espaço para que uma mãe ou um pai narcísico viva a vida dele.”

E esse entendimento pode ser reforçado de acordo com a abordagem feita por Lima (2001) quando aponta que essa Cultura evidencia a impossibilidade do indivíduo sentir a experiência do vazio como uma vivência, pois o narcisista está imerso em si mesmo, não se relacionando com o diferente, portanto, sem conseguir sentir. Costa (2000) aponta o capitalismo (logo, a idéia do consumo) como relacionado ao fato de sermos desinteressantes perante o olhar do outro. O homem não torna-se delinqüente, anti-social, narcisista, deprimido e obcecado pela domesticação do corpo e por sensações corporais extáticas, apenas pela voracidade característica do capitalismo, mas sim, porque nos fazem ver, sentir e pensar que nada do que possuímos ou somos desperta o interesse, admiração, cuidado ou amor do outro. Nesse sentido, P3 relata:

“Ela vai tentando lidar com essa perda de perspectiva de uma maneira capitalista, ou seja, comprando, comprando, fazendo, e jogando fora, um sistema de busca, o capitalismo dentro da mente humana, aquela coisa voraz, faminta e buscando certezas, a angústia maior é a dor deste apego.”

Conforme mostraram os entrevistados, uma das manifestações e tentativas de lidar com a solidão ocorre através dos comportamentos sociais (em sua maioria, alternativas inconscientes). Pode-se pensar que estes comportamentos tomam corpo em um cenário em que há ausência de recursos internos, que possibilitem o enfrentamento da sua própria solidão. A ausência desses recursos estendem o sentimento de vazio: voracidade, buscas tóxicas, relações descartáveis foram descritas pelos entrevistados. De acordo com Birman (1999) a ausência de qualquer sofrimento psíquico pelo sujeito, é a responsável pelo sentimento de desamparo nas condições atuais do mal-estar na civilização. Segundo ele, o desamparo humano aumentou muito na dita pós-modernidade, o que se evidencia no relato de P5:

“Acho que as buscas também são patológicas, são a negação da solidão (ai vai para mania), buscas tóxicas, drogadição, alcoolismo, consumismo.”

Os entrevistados trouxeram concepções referentes às defesas egóicas a serviço das estruturas psíquicas, nas saídas para lidar com a solidão - defesas obsessivas, fobia, contra-fobia entre outros. Conforme relato de P2:

“São formas mal sucedidas, porque se repetem, repetem, repetem. Então a forma de lidar são os tipos de defesa.. a saída maníaca será a negação da depressão, a saída contra-fóbica ou a proto-fóbica seria também a negação, eu estou com medo, medo de ser rejeitado, de que não gostem...”

Entretanto, surge uma questão que requer maior reflexão: o que é causa e o que é consequência nos funcionamentos acima? Será a solidão causa de determinados tipos de funcionamento ou, o modo de funcionar de cada estrutura que reforça a solidão? É possível pensar esta questão como um processo interligado, indivíduo e meio. Inferimos que, mesmo com a alusão dos entrevistados na pesquisa, os aspectos externos são primordiais no entendimento da solidão.

Contudo, os entrevistados também trouxeram a idéia da solidão como uma experiência criativa (chamada de solidão positiva). Neste contexto, ela deixa de ter um caráter de imposição e passa a ser vista como opção do próprio sujeito. Muitas obras mundialmente

consagradas no âmbito da literatura, música, teatro entre outros, foram concebidas a partir do isolamento de seus autores.

A pesquisa de Pavani (1992) aparece implicitamente, dentro da perspectiva, apontada pelos entrevistados. A autora coloca que a tendência contemporânea de individuação, caracterizada pelo morar só, é necessária para o desenvolvimento da individuação e da maturidade. O resultado desta pesquisa foi relacionado às idéias de Winnicott que entende a capacidade de estar só como fruto da maturidade egóica e de um processo de socialização positiva. Tal aspecto, evidencia-se na verbalização de P3:

“Então eu acho que a solidão é uma coisa muito boa, a gente vê muito claro isso, relato de criação sempre tem a ver com momento de solidão; porque a idéia desse lado da solidão como uma coisa criativa...”

Outro aspecto que a pesquisa se propôs a investigar diz respeito à clínica como espaço para que a solidão possa ser pensada e trabalhada. Neste contexto, Outeiral (2002) aponta que o homem sempre buscou se conhecer por meio de Deus e da razão, entretanto, ambas não deram conta de toda condição da existência humana. O mundo interno, espaços de desejos, memórias e emoções, questões aparentemente controláveis pelo homem, ainda careciam ser explorados. No espaço em que nasceu, através de Freud, a psicanálise e a primazia dos aspectos inconscientes sobre a razão.

Segundo o relato trazido pelos entrevistados, a solidão se manifesta na clínica de forma sutil e não explícita e a psicanálise utiliza suas principais ferramentas para compreensão desse fenômeno na clínica. A transferência, a contratransferência e a escuta refinada estarão presentes na compreensão da solidão assim como em qualquer outra situação, ou seja, não há uma fórmula ou roteiro pré-estabelecido (até mesmo porque perderia sua essência) e sim uma visão de homem como um sujeito integrado- bio/psico/social, conforme P1:

“Para isso existe a interpretação, pra isso eu uso a contratransferência, a minha escuta analítica, a escuta do manifesto do paciente no sentido de compreender o que tem de simbólico naquilo.”

Considerações finais

Este artigo procurou focar as manifestações da solidão na clínica psicoterápica, pontuando os aspectos da contemporaneidade como reforçadores deste sentimento.

Observamos respostas expressivas em todas as entrevistas, referindo-se aos seguintes aspectos: a) solidão é inerente à condição humana; b) Há uma relação direta entre solidão e objetos internos c) a solidão se expressa na clínica de diversas formas, mas geralmente é encoberta por sintomas ou comportamentos, raras vezes, como uma queixa explícita.

Os resultados da investigação foram parcialmente confirmados pela literatura, principalmente os relacionados à solidão como consequência dos aspectos da contemporaneidade, uma vez que os entrevistados consideram a solidão uma condição humana universal e atemporal, mesmo que estimulada pela cultura contemporânea.

Uma das limitações da pesquisa foi, justamente, à literatura escassa. Há poucos artigos abordando o tema e os mesmos não contextualizam apenas a solidão, exemplo: Solidão e Migração. Da mesma forma, a literatura psicanalítica não discute diretamente a temática da solidão, recorrendo à Teoria das Relações Objetivas para justificá-la.

Outras limitações surgiram no decorrer da pesquisa, entre elas, o tempo para sua elaboração (seis meses) e o número reduzido da amostra (seis sujeitos). Porém, entendeu-se que as mesmas não comprometeram a qualidade da pesquisa.

Acredita-se que a pesquisa foi de grande valia, pois além de revelar como a solidão é percebida e trabalhada dentro da clínica psicoterápica, pode vir a colaborar para um entendimento mais aprofundado acerca do tema. Considera-se um passo inicial para futuras pesquisas, como, por exemplo, estudos que contemplem o entendimento sobre a solidão, a partir de outros referenciais teóricos, e também com uma amostra maior de sujeitos.

A maioria dos dados apontados pela pesquisa, leva a crer que a solidão se funda no imaginário humano, a partir do nascimento e das vivências precoces de desamparo. Logo, a qualidade dos objetos internalizados é importante para a forma como cada um irá lidar com aquilo que lhe constitui. Entretanto, compactuo com as idéias de alguns autores a exemplo de Lasch, quanto à importância das questões culturais e sociais como reforçadores da solidão. Vivemos uma crise na subjetividade, e isso pode se visto na clínica, lugar em que a solidão não é trazida pelo paciente de forma direta, e sim através de sintomas e comportamentos.

Acredito (mesmo que a pesquisa não considere como os principais aspectos), que o homem, vivendo em cidades ditas globalizadas e lançando mão de recursos tecnológicos, acaba deixando de investir nos aspectos culturais e sociais, o que a favorece o alheamento do *outro*. A consequência é um ser mais solitário, da ordem do privado. Compactuo também com a idéia de que o capitalismo determina modos de ser e estar no mundo, impondo a solidão como algo negativo, pois o “ser solitário” quebra com o paradigma de que felicidade só é possível *a dois*.

Como ruptura do sistema vigente, encontra-se a arte como possibilidade de viver e criar na solidão, atribuindo-lhe um caráter positivo. Assim, a solidão passa a ser um refúgio, uma possibilidade de contato não só com a criatividade, mas com nosso próprio interior. A solidão, conforme aponta a história, não pertence somente aos loucos, marginalizados ou eremitas, mas também aos artistas com seus sonhos e suas certezas de que viver, por si só, já é um exercício solitário.

LISTA DE REFERÊNCIAS

- Abbagnano, N. (2000). Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes.
- Almeida, R.S. (1997). A Significação Afetiva da Solidão: um estudo com migrantes na cidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Almeida, R.S. (2003). A Solidão Intimista na Cidade Mundial: uma análise da experiência da migração- Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Bardin, L. (1988). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70.

Birman, J. (1999). Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bowlby (1990). Trilogia Apego e perda: a natureza do vínculo. V.I (3ª ed). São Paulo: Martins Fontes.

Camon, V.A .A. 1999. Solidão: a ausência do outro. São Paulo: Editora Pioneira.

Chillemi, M.M. (2003). Tirando a poeira da palavra amor: experimentações no cinema e na clínica, Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Costa, J.F. (2000). A Capacidade de Doar. Jornal a Folha de São Paulo. Retirado em 05/06/2006, do <http://www.cefetsp.br/>.

Dias, J.B.N.V. (1999). A Solidão- subsídio para a compreensão da capacidade de estar só. Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra. Coimbra.

Dolto, F. (2001). Solidão (2ª ed). São Paulo: Martins Fontes.

Featherstone, M. (1995). Cultura do consumo e pós-modernismo. São Paulo: Editora Studio Nobel.

Figueiredo, L. C. M. (1996). Revisitando as Psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. (2ª ed). São Paulo: Editora Vozes.

Freud, S. (1972) 1ª edição em 1905. Três Ensaio sobre a sexualidade. In Obras completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Imago.

Freud, S. (1976) 1ª edição em 1926. Inibição, sintomas e ansiedade. In Obras completas de Sigmund Freud. Vol. XX. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Imago.

Katz, C.S.(1996). O Coração Distante: ensaio sobre a solidão positiva. Rio de Janeiro: Editora Revan.

Kernberg, O. F. (2003). Psicanálise, psicoterapia psicanalítica e psicoterapia de apoio: controvérsias contemporâneas. In Green, A. & Org. Psicanálise Contemporânea: revista francesa de psicanálise. (p.23 a 49). Rio de Janeiro: Imago.

Klein, M. (1971). O Sentimento de Solidão: nosso mundo adulto e outros ensaios. Rio de Janeiro: Imago.

Lasch, C. (1983). O Mínimo Eu – sobrevivência psíquica em tempos difíceis. São Paulo: Editora Brasiliense.

Lewkowick (2005). Abordagem psicodinâmica do paciente narcisista. In Eizirik, C.; Aguiar, R.; Schestatsky, S.; Org.. Psicoterapia de Orientação Psicanalítica: fundamentos teóricos e clínicos (p. 595-605). Porto Alegre: Artmed.

Lima, J.C. (2001). Solidão e contemporaneidade no contexto das classes trabalhadoras. Revista Psicologia Ciência e Profissão 20 (5), 52 –65.

Mattos, J.A. J. (1995). Do soma para o psíquico em busca do objeto psicanalítico. Em Filho, L.C. U.J. Corpo e Mente- uma fronteira móvel (pp. 429-460). São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.

Moraes, R. (1998). Uma experiência de pesquisa coletiva: introdução à análise de conteúdo. In: Grillo, M. C., Medeiros, M. F. A construção do conhecimento e sua mediação metodológica. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Neto, S. J. F. P. (1999). A banalidade do eu: a experiência da solidão no sujeito contemporâneo. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

Outeiral, J. (2002). Conhece-te a ti mesmo. Coleção Aldus 8. Editora Unisinos

Pavani, K.M.(1992). Solidão e encontro: busca e encontros do morar só. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo.

Roudinesco, E. (2003). A família em Desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Storr, A . (1996). Solidão. São Paulo. Editora Paulus.

Tanis, B. (2003). Circuitos da solidão: entre a clínica e a cultura, São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.

Winnicott, W. (1983). O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artmed.

Zimmerman, D. (2004). Manual de Técnica Psicanalítica uma re-visão. Porto Alegre: Artes Médicas.